

MEMÓRIAS DE GUASQUEIROS: ENTRE O CAMPO E O GALPÃO

MEMORIAS DEL GUASQUEROS: ENTRE EL CAMPO Y EL COBERTIZO

Juliana Porto Machado¹

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPEL
Julianamachado209@gmail.com

Ronaldo Bernardino Colvero

Doutor em História/UNIPAMPA-São Borja
rbcolvero@gmail.com

RESUMO

A guasqueria é um ofício artesanal criado por sujeitos ligados ao saber-fazer de lidas campeiras, comumente as ligadas ao cavalo. As ações produzidas no dia-dia são importantes para entendermos a maneira como o guasqueiro constrói sua realidade por meio dos significados do saber e fazer que compartilha. Encontramos-os inseridos em um mundo rural-urbano, em que as experiências desses sujeitos são percebidas de forma diferente. Na análise do guasqueiro um eixo que sustenta suas atividades na lida é ser peão e estar entre os afazeres do galpão e do campo. Logo, a introdução do gado vacum na América latina através dos colonizadores europeus, principalmente os espanhóis e portugueses no século XV, marcam o surgimento da guasqueria. Em vista disso, esta pesquisa tem por objetivo principal refletir acerca da produção de guasqueria e como essa influência na construção da identidade do guasqueiro, principalmente na ocupação de lugares como o campo e o galpão. A metodologia utilizada foi levantamento de literatura acerca de conceitos de memória, identidade e guasqueria, juntamente com entrevista semiestruturada com guasqueiros da cidade de Jaguarão-RS.

Palavras-chave: Memória. Campo. Galpão. Guasqueria. Artesanato

RESUMEN

La guasqueria es una artesanía creada por sujetos vinculados al saber de fabricación de sables, comúnmente asociado con el caballo. Cómo las acciones cotidianas son importantes para comprender la forma en que el guasqueiro construye su realidad a través de los significados de saber y hacer lo que comparte. Los encontramos insertados en un mundo rural-urbano, donde experimentan que estos residuos se perciben de manera diferente. En el análisis del guasqueiro o el eje que respalda sus actividades laborales, puede estar entre las tareas del cobertizo y el campo. Por lo tanto, una introducción al ganado vacuno en América Latina, a través de colonizadores modernos, principalmente españoles y portugueses en el siglo XV, marcadores de guasqueria o cirugías. En vista de esto, está investigando el objetivo principal de reflexionar sobre la producción de guasqueria y cómo esto influye en la construcción de la identidad guasqueiro, especialmente en la ocupación de lugares como el campo y el cobertizo. La metodología utilizada fue la encuesta bibliográfica sobre conceptos de memoria, identidad e identidad visual, entrevistas con entrevistas semiestructuradas con guasqueiros de la ciudad de Jaguarão-RS.

Palabras-clave: Memoria. Campo. Cobertizo. Guasqueria. Artesanía

¹Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL), pós-graduanda em Ensino de História (UNIPAMPA-Jaguarão), Bolsista FAPERGS.

Introdução

A guasqueria é um saber fazer manual que utiliza o couro cru como matéria prima para criar diferentes peças, principalmente com a técnica de trançado. Essas peças estão voltadas para a lida campeira e o cotidiano do peão, que está sempre entre o campo e o galpão. Este ofício é aprendido e ensinado por meio da transmissão oral, de geração a geração. Pode-se considerar essa prática uma manifestação artesanal que influencia na identidade dos seus praticantes.

Logo, as ações produzidas no dia-dia são importantes para entendermos a maneira como o guasqueiro² constrói sua realidade por meio dos significados do saber e fazer que compartilha. Encontramo-los inseridos em um mundo rural-urbano, em que as experiências desses sujeitos são percebidas de forma diferente. Na análise do ser guasqueiro, um eixo que sustenta suas atividades na lida é ser peão e estar entre os afazeres do galpão e do campo.

O campo é, nesse caso, o lugar de terra e pastagens, em que os animais o utilizam para viver e se reproduzirem, mas que para o peão é o espaço de trabalho. É no campo que se firmam os contatos sociais; o tempo que permanece nele é maior do que fica em sua casa. O deslocamento para fora desse território, nas maiorias das vezes, é para visitar os familiares e amigos, ou para comprar mantimentos.

O peão, como o operário do campo, tem todo o trabalho do tratamento e cuidado do gado. (...) O peão caseiro, chamado simplesmente de caseiro, cuida da sede. Estão a seu cargo atividades de tirar leite, encerrar a terneirada à tarde, varrer os pátios, enterrar o cisco, (...) tratar da carne de consumo da estância, auxiliando a matança, cortar e carregar lenha, podar o arvoredo, etc. O galponeiro, também chamado de cabanheiro, tem a seu cargo os animais de galpão (...). O posteiro é o empregado que mora no campo, em rancho, com a família, tomando conta do posto ou rancho que fica colocado em ponto estratégico na estância. Cabe-lhe cuidar das ovelhas, inspecionar os aramados, policiar o campo e o gado, etc. (...) (Laytano, 1952. p. 40).

O galpão segue essa linha, tratemos dele como um organismo vivo que está sempre em atividade, local onde o peão sempre se faz presente, seja para descansar, para guardar seu material de trabalho, para se reunir com os companheiros de lida ou para arrumar suas cordas.

A centralidade que envolve esse espaço está na trajetória do campo. O galpão e a lida campeira, essa é a percepção do meio rural, no cotidiano do peão. Dessarte, ao compreender o desenvolvimento social e econômico, no princípio, esse apresentava-se no entorno da

² Este artigo é um recorte da dissertação “Artesanato m couro cru (Guasqueria) na cidade de Jaguarão/RS.

organização das estâncias³; logo, nessa atualmente existem o galpão, a casa do peão e a casa do proprietário.

O galpão, como o espaço de ocupação do peão, constituído pela presença das cordas, das ferramentas, dos medicamentos para os animais, dos arreios, dos pelegos, dos bancos e/ou tocos e do rádio. Uma coleção de objetos, carregados de valores e significados presentes no cotidiano, na constância da relação homem e objeto, “uma dimensão da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas. Coisas que vêm do passado e objetos que estão presentes” (DaMatta, 1986, p. 19).

Em vista disso, este artigo tem por objetivo principal refletir acerca da produção de guasqueria e como essa influência na construção da identidade do guasqueiro, principalmente na ocupação de lugares como o campo e o galpão. O campo e galpão tornam-se lugares de memórias para os guasqueiros, que iram se apropriar desses espaços e vivencia-los cotidianamente.

Entre o campo e o galpão

A guasqueria em sua criação terá influência direta do contexto ao qual está inserida, as memórias, as identidades e a tradição dos guasqueiros estarão presentes no momento de criação da obra, em que o corpo e o espírito trabalham juntos, para que as mãos tirem os tentos e sigam os caminhos do trançado (Figura 01).

³ As estâncias estavam organizadas entorno da casa do patrão, que era uma grande construção de alvenaria, ao seu redor apresentava-se a igreja, as senzalas, as casas dos empregados e os galpões dos peões.



Figura 1-Trança de tentos em couro cru
Fonte: Autora (2017)

Sendo que, nos afazeres do cotidiano o galpão é um desdobramento do campo, tendo como baliza o trabalho, sendo espaço de relações sociais e econômicas. O trabalho é realizado na estância localizada na campanha, essa mencionada pelos peões/guasqueiros como um lugar distante da cidade, em que se tem muitas dificuldades, porém um bom lugar para se viver e trabalhar, como acrescenta o guasqueiro M.C (2018).

No galpão os visitantes são recepcionados, e nele que as relações sociais acontecem seja entre patrão e peão, seja entre peão e peão. Não deixaremos de lado o ir à cidade, afinal as ações comerciais e pessoais do peão são supridas pela cidade. É uma quebra em sua interação cotidiana, tem-se o planejamento de se ir. Normalmente ocorre nos finais do mês ou no fim-de-semana. Se inserem no contexto urbano, muitas vezes para participar das festas e rodeios. Mas para compreendermos as atividades de peão é necessário discorrermos sobre as relações com outros atores sociais que estão inseridos no contexto rural.

Segundo Martins (1944), as definições acerca do trabalho rural estão baseadas no trinômio peão-capataz-patrão. O peão sendo esse ator social que representa diferentes funções na organização da uma estância. O que o transforma em um trabalhador polivalente, adaptando-se sua identidade à necessidade do contexto e às exigências do patrão, em uma relação de proximidade contínua. Essa relação está baseada no peão exercer as lidas do campo mediante o pagamento de um salário. O peão residia junto a outros peões no galpão

das estâncias, principalmente aqueles que eram solteiros, demonstrando aqui um certo afastamento perante o patrão que reside na fazenda, e só adentra ao galpão quando necessário.

Essa discussão é importante para demonstrar que o galpão sempre foi o espaço do peão, seu lugar de descanso, de interação social e de trabalho, representando a ordem hierárquica existente, que na campanha representa as relações de poder dirigidas pela sociedade capitalista. O peão sabe o valor e sua importância na movimentação econômica das estâncias, tanto que, entre os séculos XIX e XX o peão ainda possui a independência de se permitir estar sempre em mobilidade. Para o autor isso era possível pela alta demanda por mão-de-obra qualificada em meio ao desenvolvimento das estâncias.

Se regressarmos para a afirmação das estâncias no Rio Grande do Sul, de acordo com Gonzaga (1996), teremos um planejamento por parte da figura do patrão para controlar os avanços dos homens bravios do pampa, detentores de um saber-fazer da lida campeira. Dessa forma, foi necessário para que não houvesse risco de uma revolta construída por esses sujeitos em negativa ao meio de governança patriarcal, de colocá-los como parte importante do processo de produção das estâncias, com suas habilidades utilizadas como mão-de-obra fundamental, uma forma de categorizá-los com certo status social, afinal:

As estâncias estendiam-se por centenas de hectares. Eram cercadas de muralhas, de cercas vivas de cactos, de sebes ou valados. Cada estância estava dividida em vários distritos ou rodeios, contendo cada um cinco a seis mil cabeças de gado. As estâncias dos guaranis eram as mais belas de todo o país (...) cada fazenda tinha a sua capela, seu laranjal e outras árvores fruteiras, de que ainda se encontram vestígios (...) Todos os estabelecimentos eram magníficos. Ainda hoje se fala deles. Sua reputação não se extinguirá tão cedo nessas regiões. Segundo os regulamentos, o pároco ou seu campañero tinha de visitar as estâncias uma vez por ano, pelo menos (LUGON, p. 128;1998)

Contudo, o peão faz parte de uma rede de compartilhamento voltada para os interesses do estancieiro. Fundado no sentimento de confiança, troca de valores e desenvolvimento da terra. Para tanto, Franco (1960) determina que então estariam esses trabalhadores manipulados pela criação fantasiosa do patrão, figura de liderança que expressa seu poder e força com respeito e sabedoria, presando sempre pela lealdade e legalidade. Então no Rio Grande do Sul e até mesmo em Jaguarão, se estreitam os elos entre o patrão estancieiro, inicialmente militares e o peão índio e branco.

Então a figura do estancieiro representa um poder político e social, atuando durante muito tempo nessas duas esferas. O que contribuiu ainda mais para consolidação como

sujeito social que representava as coisas boas na vida campeira, a ideia bucólica de um patrão voltado para o bem-estar de seu Estado e de sua gente. Gonzaga (1996) salienta que a identidade do peão estava sempre em transformação nas mãos dos estanceiros, ao ponto de muitas vezes o caracterizarem como gaúcho⁴, em sua incorporação inicial de homem nômade e bandoleiro a herói dos pampas na mesma figura do peão, isso ocorreu até o século XX. Era uma tática da classe rural dominante manter a sua supremacia econômica e sociopolítica.

Nesse sentido, de naturezas iguais peão e patrão dividem pacificamente a criação dos signos de experiências mediante as lidas campeiras. Nesse caso, pode-se dizer que se trata da construção de valores em que a autoridade do patrão prevalece, devido às fundações sociais do espaço rural. Para Holanda (1995) esses fundamentos são fixados por influência direta da sociedade colonial portuguesa que imprime um sentido norteador da figura patriarcal do senhor das terras, como benevolente que cuida da administração das terras, dos trabalhadores, da casa e da comunidade.

Por um longo período prevaleceu nas propriedades rurais o modelo de funcionalidade democrática do campo, isso era cabível para impulsionar economicamente o mercado pastoril, como também uma estratégia política, pois com essa ideia do espaço do campo ser democrático garantia ao estanceiro a confiança de seus peões, e em caso de conflitos esses sairiam para proteger a propriedade. Em relação a suas atividades o peão exercia desde atividades secundárias como a limpeza em volta das casas, ou a plantação das hortas que auxiliavam na alimentação, além da lida campeira com os rebanhos. Outro ponto fundamental para sua existência em uma fazenda, como dito, era seu uso como soldado para defender os interesses do estanceiro, combatendo os invasores.

Tanto que nas grandes extensões de terra das estâncias o peão também era um posteiro, ficava em vigília em diferentes locais para proteger os animais. Nesses espaços era comum o mesmo adquirir um pequeno pedaço de chão para iniciar uma plantação e com

⁴ As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas bombachas, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre os baguais, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas. E, rompendo pelas coxilhas, arreatadamente na marcha do redomão desensofrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinem as rosetas das esporas de prata; lenço de seda encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexíveis, e tendo à cinta, rebrilhando, presas pela guaiaca, a pistola e a faca — é um vitorioso jovial e forte. O cavalo, sócio inseparável desta existência algo romanesca, é quase objeto de luxo. Demonstra-o o arreamento complicado e espetaculoso. O gaúcho andrajoso sobre um “pingo” bem aperado está decente, está corretíssimo. Pode atravessar sem vexames os vilarejos em festa (Trecho da Obra Os Sertões, p. 182, de Euclides da Cunha; 1985).

alguns animais. Eram normalmente o empregado mais próximo ao patrão que era designado para essa tarefa. O peão que tivesse família utilizava seus filhos para pequenos afazeres para auxiliá-lo na lida (PESAVENTO, 1982).

Em meio às atividades exercidas esse sujeito também, desempenhava o papel de tropeiro e mediante as instalações das charqueadas e frigoríficos, atuou nesse setor também. Podemos tratar o peão como um grupo social, uma comunidade de sujeitos que compartilham tarefas e rotinas estabelecidas, em um contexto temporal pré-definido. Na ideia de um compartilhamento do comum, Rancière (2005), de práticas em que os sentidos estão envolvidos em meio à criação de signos, juntamente com outros indivíduos.

Na partilha de gestos, de manejos, de técnicas que mantém a similaridade e atos progressivos de repetição (SENNETT, 2015). Alojados na formação da identidade desse sujeito, na rotina do peão temos o domínio dos saberes campeiros, a natureza repetitiva fixa na memória o modo em que o corpo exerce automaticamente a tarefa, como uma memória-hábito.

Uma vez que as atividades campeiras são condicionadas a reinterpretções para a análise da realidade social do peão, pois, deve se considerar que essa figura social em sua formação está estruturada com o campo, com o domínio de uma prática, seguindo uma rotina em meio a constantes interações sociais, emergidas do contexto da lida com animais, a sua inserção na campanha sulista, assentada pela propriedade da terra, de grandes produções de pecuarista que movimentam o mercado do Estado e do país, juntamente com a exploração do setor agrícola, são responsáveis pela existência do peão.

O processo de reconfiguração da campanha sulina está ordenado pela presença do gado, como afirma Pasavento (1986), especificamente como produto a ser comercializado, na construção do trabalho no campo, com as figuras do peão e do patrão. As relações entre essas figuras se mantiveram apesar das modificações do cenário trabalhista, quando da exploração do gado passa-se à massificação dessas para o desenvolvimento das charqueadas e frigoríficos no século XX. Sendo que, “[...] o espaço da Campanha se torna um território de orgulho e pertencimento porque eles entendem que fazem parte e dão sustentação a essa condição. Ou seja, se a região se “sustenta”, muito se deve ao desempenho desses atores sociais” (MARTINS, p.84; 2011).

Medeiros (1967) expõem, que, os rebanhos de bovinos e ovinos, juntamente com os equinos são os elementos de afirmação dessa profissão. Introduzidos nas vastas dimensões de campos, com pouca ocupação humana, com domínio dos animais é que o peão se

reafirma cotidianamente. No entanto, considerando o avanço da tecnologia o peão tradicional se readapta novamente com o uso de mídias como o celular e a Internet, que se tornam elementos facilitadores e necessários para o trabalho.

O peão se conservou no centro das transformações do modo de trabalho, tendo que se adaptar. Dessa adaptação tornou-se um personagem representativo da zona de campanha no Rio Grande do Sul; ressalta-se para tanto, que o peão também é guasqueiro. Todavia ao atermo-nos na visão dos guasqueiros pesquisados sobre a forma que iniciaram suas atividades nesse ofício, o ser peão é o elemento central, nesse sentido só se tornou guasqueiro, pois, foi ou é peão, criou-se ou trabalhou na campanha. Com isso colocado, partiremos de algumas colocações dos guasqueiros sobre suas vidas no espaço rural e no trabalho de lida do campo.

Assim, o peão é também tosqueador, alambrador, ferrador, carneador, castrador, domador e guasqueiro, são muitas as alcunhas de um peão. Para o guasqueiro M. C (2018) “não tem diferença entre campeiro e peão, o peão faz todo o serviço do campeiro, caseiro, alambrador, essa parte toda aqui”. O mesmo mora no campo desde a infância, seu pai era peão, seguiu na mesma profissão que seu pai, era o que conhecia e sabia fazer, ser peão.

Já para o guasqueiro A.S (2018) a relação de capataz e peão é a mesma, pois, realizam o mesmo trabalho; no entanto, é o capataz que deve se explicar ao patrão quando algo apresenta problemas. O peão, em sua visão, pode ser sinônimo de campeiro, são a mesma coisa. Sendo capataz, afirma que se lhe oferecessem a opção de escolher entre ser capataz ou peão, escolheria a última, pois, a responsabilidade de resolver os problemas de administração é menor.

A carga que a figura do capataz carrega é muito pesada, o peão é mais livre. Até porque, o face-a-face com o patrão é realizado pelo capataz, é dele que é cobrado o rendimento da estância e se as contas não estão batendo, jamais serão cobradas essas ações do peão. Por isso ele preferia ser peão antes do que capataz, caso lhe questionassem atualmente.

Nessa mesma linha, o guasqueiro C.M (2018) de 63 anos, nascido em Jaguarão, também define que peão e campeiro são a mesma figura, desempenham o mesmo papel. Sua vida sempre foi dentro das estâncias, fazendo o que mais gostava: a lida com os bichos. Era capataz, e define esse como o responsável, “o patrão só fala com o capataz, o patrão não lida

com os empregados, é o capataz que faz, o capataz faz toda a parte de lida”⁵. Sempre morou na campanha, se iniciou a trabalhar com dezesseis anos, com carteira assinada como sublinha, pois, com cinquenta e cinco já estava aposentado.

O guasqueiro A.S (2018), comenta que nasceu na zona rural, quando guri brincava bastante, e depois começou a trabalhar com doze anos e assinou carteira com quatorze anos como peão, seu pai trabalhou na charqueada por vinte e cinco anos e depois foi para a campanha trabalhar como peão. Explica que no trabalho do campo é “normal, recorrer o campo, curar bicheira, colocar brinco em terneiro, inseminação, toque, registros, castração de cavalo, de touro e de carneiro, porque, tudo que é macho se castra” (A.S, 2018).

A vida no campo ninguém vai falar diferente, talvez seja por isso que se terminou essa história de peão, porque, o peão e capataz não tem diferença, a diferença é só no nome. Onde eu trabalhei nunca teve isso do patrão falar só com o capataz, era ao contrário as vezes a informação vinha do peão até chegar em mim. A diferença é que eu acho talvez, é que ele tem a responsabilidade de manter o troço em ordem, ele faz o serviço, tem lugares que o capataz só fica mandando. Nem todo mundo faz o mesmo serviço. Agora é só no nome a diferença entre peão e capataz hoje em dia. Na minha cabeça eu não vejo diferença nenhuma, o serviço do dia-dia, é o mesmo, o capataz tem que manter o troço em ordem, porque o trabalho se pega junto. São poucos os lugares que se chega o capataz não façam nada (A.S; 2018).

Relata que o peão em relação ao tempo, é mais livre, quando chega o horário do término do serviço vai para casa, sem se importar se o chefe está descontente por não ter realizado a tarefa, “se o bicho está abichado e o peão não curou, e já foi embora, é em cima do capataz que caem a responsabilidade e as explicações” (A.S, 2018). Mesmo sendo capataz, sempre trabalhou ao lado dos peões, até mais do que eles, “saíam às seis horas e eu à meia noite”. Um ponto que destaca é o uso das mídias tecnológicas que transformam a rotina de trabalho, adaptando-se ao uso de mecanismos como o computador, até porque “se não souber da tecnologia não dirige um trator”. O capataz tem que estar sempre atualizado.

O ser peão vai além da lida, a vestimenta também é um elemento de diferenciação, A. S (2018) coloca: “sempre de uniforme, onde eu trabalhava, não podia andar sem camisa, geralmente na estância se anda tipo bicho sem camisa, de bombacha; na firma, não podia andar sem bota, era vestindo bombacha, camisa, bota, tirador e laço”. Destaca-se, que ao chegar em sua casa, no espaço urbano, retira seu uniforme e as pessoas comentam a rapidez em que se desfaz o gaúcho. Nessa mesma, linha o guasqueiro M.C em sua entrevista, sendo

⁵ Trecho transcrito da entrevista realizada em 2018.

que o mesmo reside na estância em que trabalha, estava vestindo as vestes de peão, ou como mencionou o guasqueiro A.S, o uniforme.

Essa forma de vestir-se é também um mecanismo de reafirmação da identidade. O mesmo aconteceu, em visita feita aos guasqueiros J.S, P.P e M.T, que estavam trançando o couro vestidos de bombacha, camisa, botas ou alpargatas e chapéu. Uma maneira de representar a si ao mundo exterior, como afirma Hall (2006). A partir da vestimenta se constrói uma imagem que se deseja projetar e reproduzir, sendo que através dessa, o *self*⁶ é criado, como a identidade desses sujeitos.

Considerações Finais

Portanto, as experiências e a rotina produzidas na lida campeira formam pontos de compartilhamento comum ao grupo social dos peões que são guasqueiros. Um processo singular que acaba por resultar numa identidade de certa forma compartilhada e que direciona como esses indivíduos se estruturam no sistema social do qual fazem parte.

A ideia de ser definido como artesão em muitos dos casos é vista de forma totalmente oposta ao guasqueiro. No caso do peão, ele é uma extensão do guasqueiro, um complemento: de peão se passa a guasqueiro, ou é peão e guasqueiro. Para isso, Cuche (1999) trata a identidade como o meio de caracterizar o indivíduo em um lugar, em um ponto de localização, possibilitando-lhe se identificar no conjunto social.

Por fim, a guasqueria produzida é uma ferramenta de trabalho, o peão trabalha com o couro para consertar e arrematar suas cordas, laços e cabeçadas, adquire esse saber e fazer em meio à rotina da lida, como algo indispensável, no galpão (produz a guasqueria) e no campo (trabalha com as peças produzidas). Essa realidade se conserva mesmo em espaço urbano, que é onde os guasqueiros atuam contemporaneamente. O galpão é o campo são representados pelo ateliê e pelas obras criadas.

⁶ “self é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente. É um projeto que o indivíduo constrói com os materiais simbólicos que lhe são disponíveis, materiais com que ele vai tecendo uma narrativa coerente da própria identidade” (THOMPSON, p. 183; 1998).

REFERÊNCIAS

- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 1999.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando. Uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HOLANDA, S. B. **Cobra de vidro**. Porto Alegre: Martins, 1944. 121 p.
- FRANCO, S.C. 1980. **Origens de Jaguarão**. Caxias do Sul, UCS, 120 p.
- LAYTANO, Dante de. **A Estância Gaúcha**. Série Documentário da Vida Rural. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro. 1952.
- LUGON, Clovis. **A Republica Cristã dos Guaranis: 1610-1668**. Tradução de Álvaro Cabral , prefácio de Henri Charles Desroches. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- MARTINS, Ivan Pedro. **Fronteira agreste**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.
- RANCIÈRE, J. (2005a). **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO/34.
- PESAVENTO, Sandra J. República Velha Gaúcha: Estado autoritário e economia. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. (orgs). **RS: economia e política**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1980.
- SENNETT, Richard. **O artífice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 364 p.